

Para FHC, reforma tributária será feita "em partes"

Ribamar Oliveira
De Jacarta

O presidente Fernando Henrique Cardoso disse ontem que vai tentar fazer a reforma tributária com "realismo". Segundo ele, o "realismo" mostra que não é possível fazer a reforma no seu conjunto. "Vamos ver os pontos mais necessários e concentrar os esforços neles", explicou.

Fernando Henrique espera que os novos presidentes do Senado e da Câmara ajudem o governo a aprovar as reformas constitucionais que espera ver concluídas até o final de seu governo. Ele citou as reformas tributária, trabalhista, previdenciária, política e do Judiciário. "Os novos presidentes têm que se engajar nessas reformas, não porque eu queira, mas porque o país as quer", afirmou.

Para o presidente, as eleições das duas mesas do Congresso não pode atrapalhar as reformas. "A escolha dos presidentes do Senado e da Câmara é um assunto do Congresso. A aprovação das reformas é um assunto de todo o país". FHC criticou a oposição e disse que ela não quer que o Brasil avance.

"Ninguém pode ser contra se elas são importantes para o Brasil avançar. É uma posição política equivocada. É o que atrapalha a oposição". Fernando Henrique disse que não sabe porque alguns setores do Brasil têm "comichão" quando ouvem falar de reformas. "São reacionários? São

conservadores? Querem ficar com uma coisa que não funciona mais? Não dá para entender". Em seguida, o presidente disse que as reformas não dependerão da oposição porque ela é minoritária no Congresso. "Não depende dela fazer ou não as reformas, mas ela deveria ajudar."

No caso da reforma tributária, o presidente disse que o Brasil precisa reduzir os impostos que incidem sobre os produtos destinados às exportações. "Quem é que pode ser contra isso?", questionou. "Ninguém de bom senso". Ontem, FHC falou sobre a reforma previdenciária, que na semana passada, quando abordou o mesmo assunto, não tinha citado.

"Neste caso, o que falta é somente aprovar leis complementares que regulamentem as mudanças constitucionais já realizadas. Já avançamos muito nesta reforma e ela já tem dado resultados". A reforma política defendida pelo presidente é aquela aprovada no ano passado pelo Senado. "Falta a Câmara aprovar", disse. Ele lembrou que essa aprovação não será difícil porque é um projeto de lei ordinária que pode ser votado por maioria simples dos deputados (maioria mais um voto dos presentes).

O presidente não manifestou preocupação, ontem, com as paralisações de uma hora por dia que a Central Única dos Trabalhadores (CUT) e a Força Sindical programam para o próximo mês. O movimento é uma forma de pressionar o governo a pagar os



Fernando Henrique encontra presidente da Indonésia, Abdurrahman Wahid: cooperação em projetos de defesa

expurgos feitos pelos planos econômicos Verão e Collor I nos saldos do FGTS. "Fazer greve só se for para obrigar os empresários a pagar a parte deles", disse. "Esse negócio de manifestação na democracia é o dia a dia".

Mais uma vez, o presidente disse que o pagamento do expurgo é um assunto que precisa ser resolvido pelos participantes do próprio Fundo de Garantia. "O Tesouro não tem nada a ver com

esse assunto".

Para ele, os brasileiros não podem pagar por uma questão que é de um grupo".

Assim que voltar ao Brasil, Fernando Henrique pretende fazer uma visita ao governador de São Paulo, Mário Covas, que pediu licenciamento do cargo para fazer tratamento contra o câncer. "A saída dele não é um mau sinal, não significa que ele se afastou porque não tem condições de go-

vernar. Ele se afastou do governo para se tratar. Vai fazer novos tratamentos de quimioterapia e vamos acreditar que ele vai superar essa dificuldade".

Fernando Henrique disse que Covas tem sorte de ter um vice-governador como Geraldo Alckmin. "É um homem de extraordinárias condições morais e profissionais", afirmou. "Covas vai dar orientação geral e ele vai executá-las".